

HINO À MATÉRIA ¹

«Bendita sejas, áspera Matéria, gleba estéril, duro rochedo, tu que só à violência cedest e nos forçast ao trabalho quando queremos comer.

Bendita sejas, perigosa Matéria, mar violento, paixão indomável, tu que nos devorast se não te acorrentamos.

Bendita sejas, poderosa Matéria, Evolução irresistível, Realidade sempre nascente, tu que a todo o momento, fazendo em pedaços os nossos padrões, nos obrigast a perseguir a Verdade até cada vez mais longe.

Bendita sejas, universal Matéria, Duração sem limites, Éter sem margens, triplo abismo das estrelas, dos átomos e das gerações, tu que, excedendo e dissolvendo as nossas medidas estreitas, nos revelast as dimensões de Deus.

Bendita sejas, impenetrável Matéria, tu que, em toda a parte entre as nossas almas e o Mundo das Essências, nos deixast vencidos pelo desejo de penetrar o véu sem costura dos fenómenos.

Bendita sejas, mortal Matéria, tu que, ao te dissociarest em nós um dia, nos introduzirás, pela força, no próprio coração daquilo que é.

Sem ti, Matéria, sem os teus ataques, sem os teus assaltos, viveríamos inertes, estagnados, pueris, ignorando-nos a nós próprios e a Deus. Tu que ferest e que tratast a ferida, tu que resistest e que cedest, tu que alterast e que constróíst, tu que acorrentast e libertast, Seiva das nossas almas, Mão de Deus, Carne de Cristo, eu te bendigo, Matéria.

Eu te bendigo, Matéria, e te saúdo, não como te descrevem, reduzida ou desfigurada, as autoridades da ciência e os pregadores da virtude, um feixe, dizem eles, de forças brutais ou de apetites baixos, mas tal como me aparecest hoje, *na tua totalidade e na tua verdade*.

Saúdo-te, inesgotável capacidade de ser e de Transformação onde germina e cresce a Substância eleita.

Saúdo-te, força universal de aproximação e de união, através da qual se reunifica a multidão das mónadas e na qual todas elas convergem no caminho do Espírito.

Saúdo-te, origem² harmoniosa das almas, cristal límpido de onde sai a Nova Jerusalém.

Saúdo-te, meio divino, carregado de Força Criadora, Oceano agitado pelo Espírito, Argila amassada e animada pelo Verbo incarnado.

Crendo obedecer ao teu apelo irresistível, os homens precipitam-se muitas vezes por amor de ti no abismo exterior das satisfações egoístas.

Engana-os um reflexo, ou um eco.

Vejo-o agora.

Para te atingir, Matéria, é necessário que, partindo de um contacto universal com tudo o que aqui em baixo se move, sintamos pouco a pouco desvanecer-se entre as nossas mãos as formas particulares de tudo o que detemos, até ficarmos a braços apenas com a essência de todas as circunstâncias e de todas as uniões.

... É preciso, se te quisermos ver, que te sublimemos na dor depois de te termos tomado voluptuosamente nos nossos braços.

Tu reinas, Matéria, nas alturas serenas onde os Santos imaginam evitar-te, Carne tão transparente e tão móvel que já não te distinguimos de um espírito.

Transporta-me para o alto, Matéria, pelo esforço, pela separação e pela morte, transporta-me até onde seja enfim possível enlaçar castamente o Universo!»³

Jersey, 8 de Agosto de 1919

¹ in *Hino do Universo*, Teilhard de Chardin, ed. Notícias, Lisboa, 1996, pág. 66-68

² Numa criação de forma evolutiva, foi necessária a Matéria para que, na Terra, pudesse aparecer o Espírito — «Matéria, matriz do espírito», precisará Teilhard de Chardin — *matriz* e, portanto, suporte, não princípio (*N. D. E.*).

³ Não interpretemos mal! Quem, assim, não à margem mas consumando a mística tradicional, pôde travar, sem imprudência, este terrível combate com a Matéria, preparara-se para ele através da ascese mais rigorosa: ascese de uma infância e de uma juventude indefectivelmente fiéis ao ideal cristão; ascese, posterior, de uma resposta atenta e constante às exigências de uma vocação que o levaria, sem tréguas, pelos caminhos ascendentes da perfeição, até essa solidão sobre a qual ele escrevia: «...seria doravante um estrangeiro... passaria a falar invencivelmente uma língua incompreensível, ele a quem o Senhor decidira fazer seguir o caminho do Fogo...» — «Na origem desta invasão e deste envolvimento» observa o padre Teilhard, «parece-me poder pôr a importância rapidamente crescente que assumiu na minha vida espiritual o sentido da *vontade de Deus*.» (*Le Coeur de la Matière*). Foi necessária esta longa e heróica caminhada através da Noite Mística, acompanhada por um desenvolvimento excepcional da Fé, da Esperança e da caridade teológicas para que a Matéria se tornasse «diáfana» ao olhar do padre Teilhard e lhe revelasse, em si, com a santificação última decorrente da Encarnação e da Eucaristia, a presença irradiante de Cristo. Para compreendermos com exactidão o *Hino à Matéria*, devemos portanto situá-lo no desfecho dos caminhos purificadores, frente ao cimo onde resplandece a Jerusalém celeste. Daqui decorre que o cristão não iniciado cometeria um perigoso erro se julgasse poder seguir o padre Teilhard sem se envolver previamente, como ele, nos caminhos da ascese tradicional. (*N. D. E.*).